

A DEMOGRAFIA HISTÓRICA NOS AÇORES (1976-2017): NOTAS PARA UMA LEITURA HISTORIOGRÁFICA

por

PAULO TEODORO DE MATOS*

Nas décadas de 1950 e 1960 o movimento de renovação historiográfica associado em grande medida à *Escola dos Annales*, recentrou a abordagem das sociedades do passado. Gradualmente o primado da história política, muito inscrita na curta duração e marcada pelo *facto*, foi dando lugar a um interesse cada vez mais generalizado pela compreensão das sociedades. Por esta razão, a designação de “história social” encontra justificação no ideário da *Escola dos Annales* e da corrente historiográfica conhecida por *Nova História*. A “história social”, que hoje pode parecer um conceito ambíguo assumia então um claro sentido político: o de dar voz não às grandes figuras, os “protagonistas” dos factos políticos, mas às grandes massas, até então relativamente olvidadas¹ (LE GOFF, 1984).

No caminho percorrido, tanto a demografia histórica como a história das populações – áreas também desenvolvidas nas décadas de 1950 e 1960 – assumiam-se como um instrumento indispensável à “história social”, “história económica” e até à “história das mentalidades”. Os registos paroquiais e os róis de confessados, disponíveis para grande parte da Europa católica, seriam as fontes mais utilizadas pelos investigadores. O registo sistemático de todos os indivíduos, com dados indispensáveis à sua caracterização social e, por vezes, económica, permitia estudar com grande detalhe as condições demográficas, familiares, níveis de alfabetização, redes de compadrio e, até, a biodemografia. Não admira, pois, que a demografia histórica e a história das populações tenham logrado um destaque generalizado por parte

* CHAM, FCSH, Universidade Nova de Lisboa, Universidade dos Açores.

¹ Poderá o leitor encontrar uma perspectiva mais abrangente acerca deste movimento em (LE GOFF, 1984).

dos historiadores como uma via privilegiada para perscrutar os comportamentos sociais.

Uma linha da demografia histórica, muito desenvolvida na esteira dos métodos de reconstituição de famílias (FLEURY e HENRY, 1956), centrava-se na análise demográfica. Importava a estes investigadores um conhecimento aprofundado do crescimento das populações e das suas dinâmicas em torno da fecundidade, mortalidade e migrações. Devido ao elevado grau de especialização, esta linha viria a ser conhecida como “clássica” e entendida como uma área da demografia².

Nas décadas de 1980 e 1990, a proliferação de estudos em torno da família expandia significativamente o campo da demografia histórica, a tal ponto que se tornava relativamente difícil caracterizar o âmbito da própria disciplina. Tem sido relativamente consensual que esta ocupa do estudo da demografia das sociedades passadas a partir de fontes, como os registos paroquiais e os róis de confissão, cujo propósito imediato não era o de quantificar as populações. De uma forma geral, vários autores admitem que a demografia histórica se ocupa dos períodos históricos anteriores aos modernos recenseamentos da população que, em Portugal, surgiram em 1864.

Neste capítulo, dedicado à demografia histórica no arquipélago dos Açores, analisam-se os principais eixos da sua produção desde 1976 – com a criação do então Instituto Universitário dos Açores – até à actualidade. Adota-se aqui uma perspectiva lata da demografia histórica, que inclui a produção de uma linha mais “clássica”, com diversos estudos que se poderão enquadrar no domínio da história das populações e, até, da própria demografia.

No quadro nacional, os Açores destacam-se pela qualidade e diversidade das fontes disponíveis para a construção da sua história demográfica, atendendo ao particular cuidado em preservar os registos paroquiais (em diversos casos, como o da ilha Terceira, disponíveis desde o século XVI). Por outro lado, fruto do papel de charneira entre o Novo e o Velho Mundo e o concomitante giro das gentes, o arquipélago desde cedo suscita a atenção das autoridades metropolitanas, firmes no propósito de contabilizar e arregimentar gentes para

² Inclui-se aqui a posição de Maria Norberta Amorim, figura de destaque da Demografia Histórica em Portugal e que dedicou boa parte da sua produção académica ao arquipélago dos Açores (2000).

o povoamento do Brasil. Na sequência destes esforços – em grande medida devidos à acção centralizadora da Capitania-geral dos Açores (1766-1828) e, mais tarde, dos Governos Cívicos (1835-1974) – produziram-se “mapas da população” com qualidade, abundância e riqueza informativa raros para a época.

A história das populações açorianas suscitou o empenho de intelectuais logo nas primeiras décadas do século XX. A publicação de extensas monografias sobre as ilhas de São Miguel e São Jorge, como a Candelária, Ginetes, Feteira (LUZ, 1919 e 1920) e Calheta (CUNHA, 1920), é disso bom exemplo. Contudo, estes levantamentos demográficos, recolhidos a partir de metodologias comuns, ainda não foram suficientemente aproveitados pelos investigadores. Simultaneamente há a registar um intenso movimento de publicação de fontes de cariz demográfico, bem ao jeito da corrente positivista, onde se destacam os contributos de Francisco Borges da Silva e José de Torres na *Revista Micaelense* e no *Arquivo dos Açores*.

Em meados da década de 1960, a temática da emigração para o Brasil em torno das grandes “levas” de casais de 1747 gerou algum interesse no arquipélago, principalmente na *Revista Atlântida* e no *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, tendo por principal impulsionador Pedro de Merelim (1966). Nos alvares da década seguinte surgia o estudo de José Guilherme Reis Leite sobre o período da Capitania-Geral (1766-1828), o qual marcava o interesse pela quantificação das gentes açorianas na média duração (LEITE, 1972).

Os Açores não foram alheios às novas tendências historiográficas assinaladas pela *Nova História* e por um conseqüente interesse pelos estudos de natureza económica e social. Os seus ecos foram, porém, tardios como reconheceria José Reis Leite (1993) em reflexão sobre os rumos da historiografia açoriana. Seria apenas em finais da década de 1970 que se registariam passos mais significativos da demografia histórica açoriana, tanto pela nova produção científica, como pela introdução de novas metodologias de investigação.

Com o fulgor da criação da Região Autónoma dos Açores, o Instituto Universitário dos Açores (IUA) e a Secretaria Regional de Educação e Cultura (SREC) lançavam as bases para a dinamização de um amplo programa de publicação de fontes, fomento da história local e transmissão de conhecimento. Uma nova geração de investigadores pôde, então, beneficiar de um intenso programa de seminários, promovido pela Universidade dos Açores (UA) com o propósito de impulsionar a história económica e social. É neste

contexto que ressalta o contributo de Joaquim Manuel Nazareth e Fernando de Sousa, figuras de referência na demografia histórica portuguesa. Com efeito, Gilberta Rocha, orientanda de M. Nazareth, dedicaria muito do seu labor a esta temática.

Numa primeira fase – *grosso modo* de finais dos anos 70 a inícios da década de 90 – diversos investigadores optavam pelo estudo, inicialmente em curta duração, das estruturas demográficas de grandes unidades territoriais. Este tinha por base levantamentos da população entendidos como de excepcional qualidade. Aqui se enquadram o estudo de Artur Teodoro de Matos sobre a ilha de São Miguel em 1813 (MATOS, 1979) e as investigações de Gilberta Rocha e Victor Rodrigues, quer para arquipélago no ano de 1849 (ROCHA e RODRIGUES, 1983), quer para a ilha de São Miguel em 1789 (ROCHA e RODRIGUES, 1989). Victor Rodrigues dedicaria, em 1986, um extenso capítulo sobre a demografia açoriana no quadro do seu estudo sobre a geografia eleitoral do arquipélago entre 1852 e 1884 (RODRIGUES, 1986). Apesar do interesse pelas estruturas demográficas, alguns historiadores já reconheciam a importância da história das populações para o conhecimento dos comportamentos sociais. Era, por exemplo, o caso de Tavares que estudava a pobreza no concelho da Ribeira Grande no século XVI a partir dos registos de óbito (TAVARES, 1983).

No início dos anos 90, dois trabalhos assinalavam o panorama da demografia histórica açoriana quer pela aposta em períodos de longa duração, quer pela preparação técnica dos investigadores. Em 1991, Gilberta Rocha publicava *Dinâmica populacional dos Açores no século XX*, tomando como base os recenseamentos e estatísticas demográficas (ROCHA, 1991). Este estudo, de grande mérito, seria o primeiro a apresentar uma visão integrada da evolução da população e as suas dinâmicas entre 1900 e 1981. Diversos outros artigos da autora, paralelos à investigação sobre a demografia insular, permitiram também lançar luz sobre a evolução demográfica desde a segunda metade do século XIX (ROCHA, 1990 e 1991). No ano seguinte, em 1992, Maria Norberta Amorim dava à estampa *Evolução demográfica de três paróquias do Sul do Pico (1680-1980)*, que se reveste de um amplo significado (AMORIM, 1992). Por um lado, tratava-se de um estudo de micro-análise, a partir do cruzamento nominativo dos residentes em encadeamento genealógico; por outro, representava uma novidade de método – a “reconstituição de paróquias” adaptado à realidade portuguesa – que seria posteriormente validado pela comunidade

científica. Nas palavras de Reis Leite, “o trabalho e a investigação de Norberta Amorim abriram um capítulo novo na compreensão da demografia açoriana, de consequências ainda imprevisíveis mas, que a continuar, serão decerto revolucionárias” (LEITE, 1993).

Os contributos de Gilberta Rocha e Maria Norberta Amorim, logo em inícios dos anos 90, traçavam abordagens distintas, mas complementares, da demografia histórica açoriana. A primeira dinamizava uma linha de investigação mais centrada naquilo a que se pode entender por “macro-análise”, tomando por referência os levantamentos, os cômputos e os recenseamentos da população. A segunda apostava essencialmente numa vertente “clássica”, através do recurso aos registos paroquiais e ao cruzamento nominativo dos residentes. Ambas viriam a desempenhar um papel importante na formação de investigadores qualificados, que muito produziram no campo da história das populações e da demografia histórica, como Artur Boavida Madeira, Carlota Santos, Hermínia Mesquita, Licínio Tomás e Paulo Teodoro de Matos.

Uma segunda fase no desenvolvimento da demografia histórica açoriana poderá ser estabelecida sensivelmente de meados da década de 1990 até aos inícios do século XXI. Este seria o período de maior desenvolvimento da disciplina e, sobretudo, da sua intersecção com a história social, económica e das mentalidades. As principais características deste período relacionam-se fundamentalmente com a intensa produção, diversificação e consolidação de ideias. Na viragem para o século XXI, quatro temáticas moldavam a agenda da demografia histórica açoriana: a) a quantificação das gentes na média duração; b) fontes e metodologia; c) as estruturas dos agregados domésticos; d) a emigração açoriana.

Os finais dos anos 90 seriam marcados pelos importantes estudos de Artur Madeira e Avelino de Freitas de Meneses, assim como pelos contributos de Maria Hermínia Mesquita, Maria Norberta Amorim, José Damião Rodrigues e Paulo Teodoro de Matos. Em 1997, Artur Madeira defendia as suas Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica (PAPCC) na Universidade dos Açores com o trabalho *População e Emigração dos Açores (1766-1820)*, sob orientação de Gilberta Rocha. Trata-se de uma obra de referência sobre as estruturas e movimentos do arquipélago em finais do Antigo Regime, tomando como ponto de partida os “mapas de população” depositados no Arquivo Histórico Ultramarino. O autor lançava-se também no estudo da mobilidade açoriana, sendo o primeiro a explorar sistematicamente os passa-

portes disponíveis na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo. Além da componente interpretativa dos dados, A. Madeira preocupou-se com a exploração metodológica das fontes, contextualizando a sua produção e apontando propostas para a superação de lacunas³. Esta monografia demográfica veria a luz do dia em 1999 (MADEIRA, 1999), embora sem o rico apêndice documental apresentado à Universidade dos Açores em 1997.

Esta linha de investigação conheceria posteriores desenvolvimentos com a publicação, em 2003, de um trabalho em co-autoria com Gilberta Rocha (MADEIRA; ROCHA, 2003). A prematura morte deste promissor académico, responsável por uma invejável produção científica para a sua idade, muito empobreceu a historiografia açoriana. O autor deixou-nos quando ultimava a sua dissertação de doutoramento dedicada à população e emigração dos Açores no século XIX. Seria muito oportuno que a Universidade dos Açores se propusesse a publicar parte da sua dissertação, com as necessárias anotações críticas.

Em 1997, quando Artur Madeira defendia as suas PAPCC, Avelino de Freitas de Meneses apresentava, no âmbito da prestação de Provas de Agregação, as *Gentes dos Açores. O número e a mobilidade em meados do século XVIII* (edição policopiada). Esta obra debruça-se sobre a quantificação das gentes açorianas em meados do século XVIII, quando se organizavam sucessivas e impressionantes “levas de casais” em direcção ao Brasil. O autor relaciona o contexto da partida de milhares de casais com os indícios contraditórios de excesso e escassez de gentes – a metrópole e as autoridades locais ora davam conta do excesso de gentes, ora do despovoamento do território e da falta de braços para a agricultura (MENESES, 1997).

Em finais da década de 1990, A. Madeira e de A. Meneses revelavam, assim, um interesse claro pelo fenómeno da mobilidade açoriana no século XVIII, principalmente para o Brasil. Esta não era, de resto, uma temática nova na historiografia açoriana, destacando-se entre diversos contributos, os de Walter Piazza (1992). A. Madeira publicava, em co-autoria com José Damião Rodrigues (MADEIRA e RODRIGUES, 2001 e 2003) e Carlos Cordeiro (CORDEIRO e MADEIRA, 2003), diversos artigos relacionados com a emigração e “levas de soldados” para ao Brasil no século XVIII. A saída de gentes a partir da ilha

³ Outros trabalhos do autor, alguns sub-produtos da suas Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, incidiram directamente sobre o contexto de produção das fontes.

Terceira no século XIX também mereceria a sua atenção (MADEIRA, 2004). Madruga da Costa debruçava-se também sobre a acção da Capitania-Geral (1800-1820), carreando relevante informação quantitativa e qualitativa sobre as políticas de população delineadas pelas autoridades (COSTA, 2005).

Na sequência de *Gentes dos Açores. O número e a mobilidade em meados do século XVIII*, A. Meneses registava uma intensa produção dedicada à mobilidade insular. Entre alguns dos seus trabalhos destaca-se *O Giro das gentes. Migrações açorianas nos espaços insulares e metropolitano em meados do século XVIII* (MENESES, 1996) e *Dos Açores aos confins do Brasil. As motivações da colonização açoriana de Santa Catarina em meados de Setecentos* (MENESES, 2000). A mobilidade açoriana atraiu outros investigadores, como é exemplo Elisa da Costa (1998) com o estudo da participação açoriana no povoamento do Alentejo em finais de Setecentos; bem como Carlos Riley (2003) e Susana Serpa Silva (2004), ambos sobre a análise da emigração legal e clandestina dos Açores no decurso do século XIX. Sacuntala de Miranda seria, por outro lado, responsável pela relevante investigação *A emigração portuguesa e o Atlântico (1870-1930)*, centrando-se no distrito de Ponta Delgada (MIRANDA, 1999). A autora abriu novos caminhos na área da demografia histórica açoriana, relacionando as movimentações de gentes com os ciclos económicos.

Nesta fase da demografia histórica não deixou de estar presente a quantificação das populações na média e longa duração de algumas ilhas por via de metodologias “agregativas”⁴. Hermínia Mesquita e Norberta Amorim (1998) em trabalho pioneiro, mas infelizmente pouco valorizado, analisaram o crescimento da população açoriana no século XVIII, tomando por referência os “mapas da população” e uma extensa amostragem de registos paroquiais. Disso resultou uma maior compreensão dos possíveis regimes demográficos e das ilhas mais propensas a excedentes populacionais. As ilhas de São Jorge (1790-1800), Faial (1791-1813) e Graciosa (1799-1850) (2001) mereceriam a atenção de Paulo T. de Matos (1998 e 2009), enquanto Isabel Boavida estudava as dinâmicas demográficas da ilha das Flores entre 1681 e 1720 a partir dos registos paroquiais (BOAVIDA, 1999).

⁴ Estas metodologias, muitas vezes associadas a perspectivas de macro-análise, recorrem à contagem de registos paroquiais sem envolver o seu cruzamento nominativo.

Concomitantemente à quantificação das populações a partir de metodologias agregativas, desenvolviam-se investigações laboriosas a partir do cruzamento nominativo dos registos paroquiais. O Pico seria, de longe, a ilha mais estudada. Em 1998, Hermínia Mesquita publicava *Evolução Demográfica na Criação Velha. Paróquia do Sul do Pico (1801-1993)*, enquanto Norberta Amorim prosseguia o seu intenso labor de reconstrução de várias paróquias⁵. Mais tarde, em 2004, H. Mesquita apresentava a sua tese de doutoramento à Universidade do Minho intitulada *As gentes de Angra no século XVII*, um rigoroso estudo de demografia urbana que abriu horizontes a novas investigações na área da história social (SCHAUB, 2014).

A abertura da demografia histórica e da história das populações ao aprofundamento do conhecimento das sociedades e suas estruturas económicas foi clara a partir de finais da década de 1990. Norberta Amorim e Alberto Correia publicavam, em 1999, *Francisca Catarina (1846-1940). Vida e raízes em São João do Pico (Biografia, Genealogia e Estudo de Comunidade)*. Como o nome indica, trata-se de uma abordagem sobre os percursos vitais dos indivíduos e as suas condições de vida, com um inegável impacto para o estudo da sociedade. Este seria um ensaio precursor dos incontornáveis trabalhos da autora *O Pico. Abordagem de uma Ilha* (2004-2016), ainda em curso.

A problemática do nascimento fora do matrimónio na sua relação com os sistemas demográficos e transmissão da herança viria a ser explorada por Paulo Teodoro de Matos em investigações dedicadas às ilhas de São Jorge (1997, 2007, 2009) e Graciosa (2000). Outras abordagens sociais centradas na demografia, ou recorrendo aos seus métodos, granjeavam importante destaque na historiografia, designadamente a questão dos expostos, o estudo de determinados grupos sociais, como os escravos e, ainda, de alguns segmentos profissionais, como os marítimos. A questão dos expostos suscitou publicações de João Adriano Ribeiro (1997), Paulo Teodoro de Matos (2006) e Susana Serpa Silva (2008 e 2012); enquanto os marítimos atraíram a atenção de A. Meneses (2001), Carlota Santos (2009) e Paulo Teodoro de Matos (2010). Pese embora a reduzida participação dos escravos no arquipélago comparativamente a outras regiões ultramarinas, salientam-se os contributos de Rute Gregório (2007), Hermínia Mesquita e Reis Leite (2006) respeitantes

⁵ Cf. *O Pico. Abordagem de uma Ilha* (diversos volumes publicados de 2004 a 2016).

à ilha Terceira nos séculos XVI e XVII. Em 2013, surgia a obra *Para a história da escravatura insular nos séculos XV a XIX* com contributos potencialmente relevantes para a quantificação das populações escravas no arquipélago (MACHADO, GREGÓRIO e REGO, 2013).

Seguindo a tendência europeia, a família e a estrutura dos agregados domésticos seria uma das áreas mais aprofundadas pela demografia histórica a partir de meados da década de 1990 (AMORIM e MATOS, 2016). Boa parte destes trabalhos centrava-se no estudo das configurações dos agregados domésticos a partir da tipologia criada por Peter Laslett e Richard Wall na década de 1970. A análise das estruturas familiares, em particular o seu nível de complexidade (agregados conjugais, extensos e múltiplos) incidiu sobre Ponta Delgada em 1766 (MADEIRA e RODRIGUES, 1997) e 1833 (DIAS e MADEIRA, 1999), Velas da ilha de São Jorge em 1794 (MADEIRA, RODRIGUES e MATOS, 1998), Quatro Ribeiras da ilha Terceira em 1766 (MADEIRA e RODRIGUES, 1998), Santa Cruz da ilha Graciosa em 1839 (MATOS, 2000), Horta em 1832 (TOMÁS e COSTA, 2007) e São João do Pico em 1879 (AMORIM e CORREIA, 1999). Estes resultados seriam sintetizados em 2007 com a inclusão das estruturas familiares de diversas freguesias rurais da ilha de São Jorge em 1831-1839 (MATOS, 2007). Mais recentemente, Hermínia Mesquita e Reis Leite (2013) apresentaram um aturado estudo sobre a Sé de Angra no período de 1725 a 1750.

Os finais da década de 2000 seriam assinalados pela publicação da *História dos Açores* (2008), cujo alcance para a historiografia açoriana é inegável. Foi, portanto, uma altura de se proceder a sínteses – algumas delas carreando investigação de base – sobre as tendências e comportamentos demográficos das ilhas. O quadro demográfico do arquipélago, desde a criação da Capitania-Geral até à actualidade, mereceu quatro capítulos redigidos por Eduardo Ferreira, Gilberta Rocha, Paulo Silveira e Sousa, Paulo Teodoro de Matos e Susana Serpa Silva. Poderá o leitor encontrar aqui uma perspectiva integrada do crescimento das populações, sem esquecer as especificidades de cada ilha e as suas dinâmicas demográficas, com particular destaque para a emigração. Fruto da ampla investigação em demografia histórica desde finais da década de 1970, a *História dos Açores* oferece um retrato demográfico do arquipélago desde o século XVIII. Tal realidade não encontra paralelo em qualquer outra região do território nacional quer em termos de profundidade, quer em termos cronológicos. Em 2013, *A demografia das sociedades insulares portuguesas*

editada por Carlota Santos e Paulo Teodoro de Matos (SANTOS e MATOS, 2013) trazia a lume sete contributos inéditos focando questões metodológicas, evolução da população nos séculos XVIII e XIX, emigração, crises de mortalidade, endogamia e, ainda, práticas assistenciais em torno dos expostos. Apesar da novidade da História dos Açores no campo da demografia histórica a mesma parece, paradoxalmente, assinalar um período de menor interesse pela componente populacional do arquipélago. Ainda assim a demografia histórica continuou a progredir, sendo disso exemplo estudos de longa duração como *The emigration of Corvo Island. 1800-1920* (Soares, 2015) ou *Achegas para o estudo da população da ilha de S. Jorge, 1768-2012* (MATOS, 2014). No entanto, os Açores têm, infelizmente, acompanhado a tendência portuguesa e europeia, onde cada vez mais se torna difícil entusiasmar jovens investigadores para esta disciplina na confluência da história e da demografia (FAUVE-CHAMOUX, BOLOVAN e SOGNER, 2016).

*

Em mais de quatro décadas aqui analisadas, o panorama da demografia histórica açoriana é risonho. Comparativamente a outras regiões portuguesas, os Açores emergem como um paradoxo devido às fontes existentes e à qualidade da investigação já produzida. Parte deste sucesso inscreve-se no empenho da Universidade dos Açores e da Secretaria Regional de Educação e Cultura. No entanto, muitas outras instituições têm prestado valiosos contributos, tanto pela intensa actividade editorial, como pela promoção do debate académico em torno das populações e da sociedade açoriana. O Instituto Histórico da Ilha Terceira dinamizou esta área de conhecimento por via do seu *Boletim*. O Núcleo Cultural da Horta, através de publicações periódicas, e sobretudo pela organização do colóquio *O Faial e a Periferia Açoriana nos séculos XV a XX* (prestes a celebrar 25 anos), tem tido um papel muito activo pela inclusão da linha temática “População e emigração”. Também o Instituto Açoriano de Cultura e o CHAM – Centro de Humanidades (outrora Centro de História d’Aquém e d’Além-Mar) têm contribuído, em maior ou menor grau, para o desenvolvimento da demografia histórica.

Os historiadores e demógrafos estão dependentes da informação coeva mas também do seu devido tratamento, disponibilização e recuperação. O *Centro de Conhecimento dos Açores* colocou à disposição do público e da

comunidade académica o extenso fundo de registos paroquiais e passaportes, naquilo que constitui um verdadeiro serviço público, potenciando investigações aprofundadas em demografia histórica⁶. Contudo, os fundos dos Governos Civis de Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta não se encontram ainda devidamente tratados (especialmente os dois últimos), limitando o trabalho dos estudiosos do Liberalismo.

A agenda da demografia histórica açoriana será naturalmente marcada pelas “modas” historiográficas, sendo difícil prever as temáticas que irão atrair os investigadores nas décadas vindouras. Seja como for, parece inegável o menor interesse para com a mobilidade interna, relações laborais, mercado matrimonial, e saúde pública. A confluência de estudos nestas áreas muito potenciaria o debate sobre as condições de vida e as *desigualdades* no arquipélago, naquilo que tem sido uma das linhas promissoras da historiografia europeia.

BIBLIOGRAFIA

- AMORIM, M. (1992). *Evolução Demográfica de três Paróquias do Sul do Pico (1680-1980)*, Braga: Instituto de Ciências Sociais/Universidade do Minho.
- AMORIM, M. (2000). “O crescimento demográfico e emigração. O caso da freguesia de São João na ilha do Pico”, in *O papel do atlântico na criação do contemporâneo. V Colóquio Internacional de História das Ilhas do Atlântico*, Angra do Heroísmo.
- AMORIM, M. (2000). “Linha clássica da demografia histórica. Uma perspectiva optimista sobre a sua evolução”, *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*, XVIII.
- AMORIM, M. (2004-2016). *O Pico. Abordagem de uma Ilha* (diversos volumes editados pelas Câmaras Municipais da Madalena, São Roque do Pico e Lages).
- AMORIM, N.; CORREIA, A. (2009). *Francisca Catarina (1846-1940). Vida e Raízes em S. João do Pico (Biografia, genealogia e estudo de comunidade)*, Guimarães: Instituto de Ciências Sociais.

⁶ Cf. Registos paroquiais e passaportes dos Açores:
<http://www.culturacores.azores.gov.pt/ig/Default.aspx>

- AMORIM, M.; MATOS, P. (2016). “Historical Demography in Portugal, 1960-2010: An Account of the Historiography and Major Challenges”, in *A Global History of Historical Demography. Half a century of Interdisciplinarity*, ed. Antoinette-Fauve-Chamoux, Ioan Bolovan & Solvi Sogner, Bern: Peter Lang.
- AMORIM, M.; MESQUITA, M. (1998). “Uma perspectiva da população açoriana no século XVIII”, in *O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX. Actas do Colóquio realizado nas ilhas do Faial e São Jorge de 12 a 15 de Maio de 1997*, Horta: Núcleo Cultural da Horta.
- BOAVIDA, I. (1999). “O povo da floresta adormecida: a população da ilha das flores (1681-1720)”, in *Arquipélago - História. Revista da Universidade dos Açores*, 2.ª série, vol. 3.
- CORDEIRO, C.; MADEIRA, A. (2003). “A emigração açoriana para o Brasil (1541-1820): uma leitura em torno de interesses e vontades”, in *Arquipélago – História. Revista da Universidade dos Açores*, 2.ª série, vol. VIII.
- COSTA, E. (1998). “Novos Destinos para as Gentes Açorianas em finais de Setecentos: Terras de Além-Tejo um Espaço a Povoar?”, in *O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX. Actas do Colóquio realizado nas ilhas do Faial e São Jorge de 12 a 15 de Maio de 1997*, Horta: Núcleo Cultural da Horta, 1998.
- COSTA, R. (2005). *Os Açores em finais do Regime da Capitania-Geral (1800-1820)*, 2 vols., Horta: Núcleo Cultural da Horta/Câmara Municipal da Horta.
- CUNHA, M. (1920). “Contribuição para a história da freguesia da Calheta de São Jorge”, *Arquivo dos Açores*, vol. XIII, Ponta Delgada: Universidade dos Açores (1983 – edição original de 1920).
- DIAS, F.; MADEIRA, A. (1999). “Ponta Delgada no ano de 1833: uma relação dos habitantes”, in *Actas do Colóquio Comemorativo dos 450 anos da cidade de Ponta Delgada*, Ponta Delgada: Universidade dos Açores/Câmara Municipal de Ponta Delgada.
- FAUVE-CHAMOUX, A.; BOLOVAN, I.; SOGNER, S. (2016). *A Global History of Historical Demography. Half a century of Interdisciplinarity*, ed., & Solvi Sogner, Bern: Peter Lang.
- FLEURY, M.; HENRY, L. (1956). *Des registres paroissiaux a l’histoire de la population. Manuel de dépouillement et d’exploitation de l’état civil ancien*, Paris: INED.

- GREGÓRIO, R. (2007). “Escravos e libertos da ilha Terceira na primeira metade do século XVI”, in *O Reino, as Ilhas e o Mar Atlântico. Estudos em homenagem a Artur Teodoro de MATOS* (coord. de Avelino de Freitas de Meneses e João Paulo Oliveira e Costa), Lisboa e Ponta Delgada: Universidade dos Açores e CHAM/FCSH/UNL.
- LE GOFF, J. (1984). *Nova História*, Lisboa: Edições 70 (ed. original de *La nouvelle histoire*).
- LEITE, J. (1972). “Administração, sociedade e economia dos Açores (1766-1793)”, in *Arquivo Açoriano. Enciclopédia das Ilhas dos Açores*, vol. 16, parte 3.^a (e última), Lisboa: Faculdade de Ciências de Lisboa (ed. Victor Hugo Forjaz)
- LEITE, J. (1993). “Açores”, in *Vinte anos de historiografia ultramarina 1972-1992*, dir. de Artur Teodoro de Matos & Luís Filipe F. Reis Thomaz, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- LUZ, A. (1919). “Monografia de Santa Luzia do lugar das Feteiras”, in *Revista Micaelense*, Ano 2, n.º 4, pp. 345, São Miguel.
- LUZ, A. (1920). “Monografia da Candelaria (Ilha de São Miguel)” in *Arquivo dos Açores*, vol. XIII, Ponta Delgada: Universidade dos Açores (1983 – edição original de 1920).
- MACHADO, M.; GREGÓRIO, R.; SILVA, S. (2013). *Para a história da escravatura insular nos séculos XV a XIX*; Ponta Delgada: Centro de História de Além-Mar.
- MADEIRA, A. (1999). “As Fontes Demográficas de Antigo Regime nos Açores”, in *Arquipélago – História. Revista da Universidade dos Açores*, 2.^a série, vol. III, Ponta Delgada
- MADEIRA, A. (1999). *População e Emigração nos Açores (1766-1820)*, Cascais: Patrimonia.
- MADEIRA, A. (2004). “A emigração a partir da ilha Terceira nos finais do século XIX”, in *Actas do III Colóquio O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX [...]*, Horta: Núcleo Cultural da Horta.
- MADEIRA, A.; RODRIGUES, J. (1997). “População e Família em Ponta Delgada na segunda metade de Setecentos: a freguesia de São Pedro”, in *Revista População e Família*, n.º 2, Porto: CEPFAM.
- MADEIRA, A.; RODRIGUES, J. (1998). “A Família Açoriana no Antigo Regime: O Exemplo de Santa Beatriz, Quatro Ribeiras (Terceira), em 1766”, in *Arqui-*

pélago – Ciências Humanas. Revista da Universidade dos Açores, n.º 11-12 – *Homenagem ao Prof. Doutor Francisco Carmo*, Ponta Delgada.

- MADEIRA, A.; RODRIGUES, J. (2001). “A Emigração para o Brasil. As Levas de Soldados no Século XVIII”, in *Portos, Escalas e Ilhéus no Relacionamento entre o Ocidente e o Oriente. Actas do Congresso Comemorativo do Regresso de Vasco da Gama a Portugal*, vol. II, Lisboa: Universidade dos Açores/Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001.
- MADEIRA, A.; RODRIGUES, J. (2003). “Rivalidades imperiais e emigração: os açorianos no Maranhão e no Pará nos séculos XVII e XVIII”, in *Anais de História de Além-Mar*, vol. IV, Lisboa: CHAM.
- MADEIRA, A.; MATOS, P.; RODRIGUES, J. (1998). “População e Família de uma Vila Açoriana: As Velas da Ilha de São Jorge (1766-1799)”, in *Revista População e Família*, n.º 4, Porto: CEPFAM.
- MATOS, A. (1979). “Achegas para a História Económica e Social da ilha de São Miguel”, in *Arquipélago – Ciências Humanas. Revista do Instituto Universitário dos Açores*, n.º 1.
- MATOS, A.; MENESES, A.; LEITE, J. (2008). *História dos Açores* (2 vols.), Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura (eds.).
- MATOS, P. (1998). “A População da Ilha de São Jorge na Última Década de Sete centos: Estrutura e Comportamentos» in *O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX*, Horta: Núcleo Cultural da Horta.
- MATOS, P. (2000). “Santa Cruz da Ilha Graciosa (1799-1850). População, Grupos Familiares e Profissões”, in *Arquipélago – História. Revista da Universidade dos Açores*, 2.ª série, vol. IV (n.º 2) – *In Memorium Ernesto do Canto*, Ponta Delgada.
- MATOS, P. (2006). “Os expostos do concelho das Velas da ilha de São Jorge. Contributo para o seu estudo (1806-1872)”, in *O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX. Actas do IV Colóquio realizado na Horta de 8 a 12 de Maio de 2006*, Horta: Núcleo Cultural da Horta, pp. 289-300.
- MATOS, P. (2007). *O Nascimento fora do Matrimónio na freguesia da Ribeira Seca da Ilha de S. Jorge (Açores): 1800-1910*, col. Monografias, n.º 19, Guimarães: Núcleo de Estudos da População e Sociedade da Universidade do Minho.
- MATOS, P. (2009). “Estruturas demográficas da Ilha do Faial em Finais do Antigo Regime (1791-1813)”, *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, n.º 19.

- MATOS, P. (2010). “Os marítimos da ilha de S. (Açores) no século XIX: reflexões em torno das práticas de estruturação familiar e sistemas de herança”, in *El Mar en los Siglos Modernos*, tomo I, ed. Isidro Dubert e Hortensio Sobrado Correa, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia/Consellería de Innovación e Industria, Dirección Xeral de Turismo.
- MATOS, P. (2014). “Achegas para o estudo da população da ilha de S. Jorge, 1768-2012”, in *Aquém e Além de São Jorge. Memória e Visão*, coord. Susana Goulart COSTA, Leonor Sampaio da Silva e Duarte Nuno Chaves, São Jorge: Centro de História d’Aquém e d’Além-Mar/Misericórdia da Velas.
- MENESES, A. (1996). “O giro das gentes: migrações açorianas nos espaços insular e metropolitano em meados do século XVIII”, in *Ler História*, n.º 31, Lisboa.
- MENESES, A. (1997). *Gentes dos Açores. O Número e a Mobilidade em Meados do Século XVIII*, Ponta Delgada: Universidade dos Açores (policopiado).
- MENESES, A. (2000). “Dos Açores aos confins do Brasil. As motivações da colonização açoriana de Santa Catarina em meados de Setecentos”, *Ler História*, n.º 39, ISCTE.
- MENESES, A. (2001). “Os marítimos dos Açores em 1770-71”, in *Portos, Escalas e Ilhéus no relacionamento entre o Ocidente e o Oriente. Actas do congresso internacional comemorativo do Regresso de Vasco da Gama a Portugal*, vol. I – *Ilhas Terceira e São Miguel (Açores)*, Ponta Delgada: Universidade dos Açores/CNCDP.
- MESQUITA, M. (1998). *Evolução Demográfica na Criação Velha. Paróquia do Sul do Pico (1801-1993)*, col. Documenta, Açores: Direcção Regional da Cultura.
- MESQUITA, M. (2004). *As gentes de Angra no século XVII*, Braga: Universidade do Minho (policopiado).
- MESQUITA, M. (2006). “Escravos em Angra no século XVII: uma abordagem a partir dos registos paroquiais”, in *Arquipélago – História. Revista da Universidade dos Açores*, 2.ª série, vols. IX-X – *in memoriam* Artur Boavida Madeira, Ponta Delgada.
- MESQUITA, M.; LEITE, J. (2013), “Agregados domésticos na paróquia da Sé de Angra no século XVIII. Uma abordagem a partir dos registos paroquiais e dos róis de confessados”, in *Actas do I Congresso Histórico Internacional “As cidades na História: população”*, Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães.

- MERELIM, P. (1966). “Emigração açoriana para o Brasil”, in *Atlântida*, vol. X, n.º 5, Lisboa.
- MIRANDA, S. (1999). *A Emigração Portuguesa e o Atlântico. 1870-1930*, col. Garajau, Lisboa: Edições Salamandra.
- MIRANDA, S. (1999). “A população de Ponta Delgada segundo as estatísticas oficiais”, in *Actas do Colóquio Comemorativo dos 450 anos da cidade de Ponta Delgada*, Ponta Delgada: Universidade dos Açores/Câmara Municipal de Ponta Delgada.
- PIAZZA, W. (1992). *A epopeia açórico-madeirense (1748-1756)*, Florianópolis: UFSC/Lunardelli.
- RIBEIRO, J. (1997). “Os Expostos no Faial durante o Século XIX”, in *O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX. Actas do Colóquio realizado nas ilhas do Faial e S. Jorge de 12 a 15 de Maio de 1997*, Horta: Núcleo Cultural da Horta.
- RILEY, C. (2003). “A emigração açoriana para o Brasil no século XIX: braçais e intelectuais”, in *Arquipélago – História. Revista da Universidade dos Açores*, 2.ª série, vol. VIII.
- ROCHA, G. (1990), “Os Açores na Viragem do Século (1860-1930): Características da sua Evolução Demográfica”, in *Actas do II Colóquio Internacional de História da Madeira*, Coimbra: Imp. de Coimbra.
- ROCHA, G. (1991). *Dinâmica populacional dos Açores no século XX. Unidade, permanência, diversidade*, Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- ROCHA, G.; MADEIRA, A. (2003). “Informação demográfica nos Açores Oitocentistas”, in *Actas do Colóquio Ernesto do Canto – o homem e o tempo*, Ponta Delgada: Câmara Municipal de Ponta Delgada
- ROCHA, G.; RODRIGUES, V. (1983). “A População dos Açores no Ano de 1849”, in *Arquipélago – Ciências Humanas. Revista da Universidade dos Açores*, número especial – *Estudos sobre os Açores in Memoriam de João Teixeira Soares de Sousa no I Centenário da sua Morte*, Ponta Delgada.
- ROCHA, G.; RODRIGUES, V. (1989). “População, economia e sociedade em finais do século XVIII: o mapa da população de João LEITE de Chaves e Melo Borba Gato”, in AAVV, *Os Açores e as dinâmicas do Atlântico. Do descobrimento à segunda guerra mundial*, Angra do Heroísmo: IHIT.
- RODRIGUES, V. (1986). *A geografia eleitoral dos Açores de 1852 a 1884*, Ponta Delgada: Universidade dos Açores

- SANTOS, C. (2009). “Comunidades marítimas da ilha do Pico: comportamentos demográficos durante os séculos XVIII e XIX” in *El mar en los siglos modernos* (eds. Dubert, I. & Sobrado Correa, H.), Santiago de Compostela, Xunta de Galicia.
- SANTOS, C.; MATOS, P. (2013). *A demografia das sociedades insulares portuguesas. Séculos XV a XXI*, Porto: CITCEM (coords.).
- SCHAUB, F. (2014). *L'Île aux mariés. Les Açores entre deux empires (1583-1642)*, Madrid: Casa de Velázquez.
- SILVA, F. (1919). “Notas e estatística da ilha de Santa Maria nos princípios do século XIX”, in *Revista Micaelense*, Ano 2, n.º 3, pp. 283-291, São Miguel (continuação no número 3).
- SILVA, S. (2004). “Emigração Clandestina nas Ilhas do Grupo Central em Meados do Século XIX”, in *Actas do III Colóquio O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX. Nos 550 Anos do Descobrimento das Flores e Corvo*, Horta: Núcleo Cultural da Horta.
- SILVA, S. (2008). “Exposição de crianças no concelho da Ribeira Grande no século XIX”, in *Poder, Local, Cidadania e Globalização. Actas do congresso comemorativo dos 500 anos de elevação da Ribeira Grande a Vila (1507-2007)*, Ribeira Grande.
- Silva, S. (2012). *Violência, desvio e exclusão na sociedade micaelense oitocentista (1842-1910)*, 2 vols., Ponta Delgada: Centro de História de Além-Mar.
- SOARES, N. (2015). “The emigration of Corvo Island. 1800-1920”, in *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, n.º 24, Horta.
- TOMÁS, L.; COSTA, R. (2007). “Elementos para um retrato social da vila da Horta em 1832”, in *O Faial e a Periferia Açoriana nos séculos XV a XX. Actas do IV Colóquio. No Bicenténario do consulado dos E.U.A. nos Açores: o tempo dos Dabney*, Horta: Núcleo Cultural da Horta.
- TAVARES, M. (1983). “A pobreza na Ribeira Grande durante a segunda metade do século XVI: estudo quantitativo baseado nos registos de óbito”, in *Arquipélago – Ciências Sociais. Revista da Universidade dos Açores*, número especial.

